

SOCIEDADE [*society*]

Hoje, a palavra **sociedade** é clara em dois sentidos principais: como o termo mais geral para o corpo de instituições e relações no qual vive um grupo relativamente grande de pessoas; e como o termo mais abstrato para a condição na qual se formam essas instituições e relações. O interesse da palavra reside em parte na relação muitas vezes difícil entre a generalização e a abstração. Mas reside principalmente no desenvolvimento histórico que nos permite dizer “instituições e relações”, e a melhor maneira de compreender isso é lembrar que o significado primário de **sociedade** era companheirismo ou camaradagem.

Society entrou no inglês no S14, da p.i. *société*, do francês antigo, e do latim *societas*, e esta da p.r. latina *socius* (companheiro). Seus usos até meados do S16 variaram desde a unidade ativa na camaradagem, como na Revolta dos Camponeses, de 1381, passando por um sentido de relação geral – “eles precisam da ajuda mútua e por meio disso o amor e a sociedade [...] crescem mais entre os homens” (1581) –, até um sentido mais simples de companheirismo ou companhia – “vossa sociedade” (fins do S16). Um exemplo de 1563, “a sociedade entre Cristo e nós”, mostra quão prontamente esses sentidos distinguíveis poderiam sobrepor-se na prática. A tendência ao sentido geral e abstrato, portanto, parece inerente, mas até fins do S18 os outros sentidos, mais ativos e imediatos, eram comuns. Pode-se observar a mesma gama em dois exemplos extraídos de Shakespeare. Em “my Riots past, my wilde Societies” (*As alegres comadres de Windsor*, III, iv)*, **sociedade** era praticamente equivalente a relação ou a um dos sentidos de *associações*, ao passo que em “our Selfe will mingle with Society” (*Macbeth*, III, iv)** o sentido é simplesmente o de uma companhia reunida de hóspedes. O sentido de uma associação deliberada com algum

* Na edição brasileira, com tradução de Millôr Fernandes (Porto Alegre, L&PM, 1995), temos: “minhas antigas agitações, más companhias”, p. 57. (N. T.)

** Na edição brasileira, com tradução de Bárbara Heliodora (op. cit.), temos: “nós vamos misturar-nos aos presentes”, p. 80. (N. T.)

propósito (aqui de distinção social) pode ser ilustrado pela “sociedade de São Jorge” (Ordem da Jarreteira, S15), e esse uso específico perdurou amplamente.

Pode-se verificar o fortalecimento do sentido geral desde meados do S16. Houve um sentido intermediário em “a terra sem arar, a sociedade negligenciada” (1533), mas bastante claro, embora ainda não independente, em “uma comunidade se chama uma sociedade ou ações comuns de uma multidão de homens livres” (1577). Era claro e independente em “a sociedade é uma assembléia e o consentimento de muitos em um” (1599), e no S17 esses usos começaram a multiplicar-se, com uma referência mais firme: “uma reverência devida [...] à sociedade em que vivemos” (1650). Contudo, a história anterior ainda era evidente em “as leis da sociedade e da conversação civil” (Charles I, 1642; *conversação*, aqui, tinha o sentido original de modo de vida, anterior ao sentido complementar de discurso familiar [S16]; a mesma experiência atuava nessa palavra, mas com uma especialização finalmente oposta). O sentido abstrato também se fortaleceu: “o bem da sociedade humana” (Cudworth, 1678; ver HUMANO) e “em benefício da sociedade” (1749). Em certo aspecto, o desenvolvimento da noção de “uma sociedade”, no sentido mais amplo, tornou mais completa a abstração. Isso dependeu de um novo sentido de relativismo (cf. CULTURA), mas, na transição da noção de leis gerais de camaradagem ou de associação para a noção de leis específicas constitutivas de uma sociedade específica, preparou o caminho para a noção moderna, na qual as leis da sociedade não são tanto leis para possibilitar o convívio com outras pessoas, mas leis mais abstratas e mais impessoais que determinam as instituições sociais.

A transição foi muito complexa, mas hoje pode ser vista com mais clareza se considerarmos **sociedade** junto com *estado*. Desde seu sentido mais geral e contínuo de condição (*estado de natureza*, *estado de sítio*, do S13), *state* [estado] desenvolveu um sentido especializado que era quase intercambiável com *estate* [estado, condição, estamento, propriedade] (tanto *state* quanto *estate* vieram da p.i. *estat*, do francês antigo, e do latim *status* – condição) e, na prática, com *rank* [classe, condição ou posição]: “nobre estado” (1290). A palavra associou-se especialmente à monarquia e à nobreza, vale dizer, com um ordenamento hierárquico da sociedade: cf. “estado de sacerdotes, estado de cava-

leiros e o terceiro é o estado dos comuns” (1300). Os *Estados* [*States* ou *Estates*] eram uma definição institucional de poder desde o S14, ao passo que *estado* [*state*] como a dignidade do rei foi comum no S16 e princípios do S17: “estado e honra” (1544); “vai com grande estado” (1616); “ao Rei [...] vossa Coroa e Estado” (Bacon, 1605). A partir desses usos combinados, *estado* desenvolveu um sentido político consciente: “governante do estado” (1538); “o Estado de Veneza” (1680). Contudo, *estado* amiúde ainda significava a associação de um tipo determinado de soberania com um tipo determinado de condição. *Estadista* era um termo comum no S17 para designar um político, mas, no decurso das lutas políticas daquele século, um conflito fundamental passou a ser expresso no que no devido tempo seria uma distinção entre **sociedade** e *estado*: a primeira, uma associação de homens livres, baseada em todos os primeiros sentidos ativos; o segundo, uma organização de poder, baseado nos sentidos de hierarquia e majestade. A noção crucial de **sociedade civil** (ver CIVILIZAÇÃO) foi uma definição alternativa para ordem social, e na reflexão sobre as questões gerais dessa nova ordem confirmou-se o termo **sociedade** em seus sentidos mais gerais e finalmente abstratos. Esse tipo de distinção persistiu através de muitas mudanças políticas subseqüentes: **sociedade** é aquilo a que todos pertencemos, mesmo que seja também geral e impessoal; o *estado* é o aparato do poder.

A transição definitiva de **sociedade** para seu sentido mais geral e abstrato (ainda, por definição, uma coisa diferente de *estado*) deu-se em um desenvolvimento do S18. Fui em busca dos usos da palavra em *Enquiry Concerning the Principles of Morals* (1751), de Hume, e, tomando “companhia de seus camaradas” pelo sentido (i) e “sistema de vida comum” pelo sentido (ii), encontrei as seguintes quantidades: sentido (i), 25; sentido (ii), 110; mas também, em alguns momentos críticos da argumentação, em que o sentido de **sociedade** pode ser decisivo, havia 16 usos essencialmente intermediários. Por coincidência, Hume também ilustra a distinção necessária, uma vez que **sociedade** perdia seu sentido mais ativo e imediato; ele usou, como faríamos nós, o alternativo *companhia*:

Assim como os choques mútuos na *sociedade* e as oposições de interesse e amor-próprio forçaram a humanidade a estabelecer as leis da justiça [...] de modo similar,

os eternos antagonismos do orgulho e da presunção dos homens, em *companhia*, introduziram as regras das Boas Maneiras ou Polidez [...] (*Enquiry*, VIII, 211)

Ao mesmo tempo, no mesmo livro, ele usou **sociedade** no lugar de *companhia* precisamente nesse sentido imediato, ao passo que hoje, se por alguma razão desejássemos restabelecer o velho sentido, falaríamos de relações “cara a cara”; em geral – acrescentaríamos – dentro de uma COMUNIDADE (v.).

Por volta do final do S18, era predominante **sociedade** como um sistema de vida comum: “toda sociedade tem mais a apreender de seus membros necessitados do que dos ricos” (1770); “dois diferentes esquemas ou sistemas de moralidade” vigoram ao mesmo tempo em: “em toda sociedade civilizada, em toda sociedade em que se tenha estabelecido plenamente a distinção de classes” (ver CLASSE) (Adam Smith, *A riqueza das nações*, II, 1776)*. O desenvolvimento subsequente tanto do sentido geral quanto do abstrato foi direto.

Pode-se constatar um desenvolvimento conexo em **social**, que no S17 podia significar ou associado ou sociável, embora também fosse utilizado como sinônimo de “civil”, como em *guerra social*. Por volta de fins do S18, era principalmente geral e abstrato: “o homem é uma criatura social, isto é, um homem só ou uma família não podem subsistir, ou não podem fazê-lo bem, à margem de toda a sociedade” (observe-se, no entanto, que **sociedade** aqui, com a qualificação *toda*, ainda é um termo ativo e não abstrato). Por volta do S19, pode-se ver **sociedade** de modo suficientemente claro como um objeto que permite formações, como **reformador social** (embora **social** também fosse usado, e ainda se use, para descrever companhia pessoal; cf. **vida social** e **noite social**). Ao mesmo tempo, ao ver **sociedade** como um objeto (a soma objetiva de nossas relações) era possível definir de novas maneiras a relação entre **homem e sociedade** ou entre **indivíduo e sociedade** como um problema. Essas formações demonstram a distância relativamente ao primeiro sentido de camaradagem ativa. Os problemas que elas indicam no desenvolvimento real da sociedade foram significativamente ilustrados no uso da palavra **social**, em princípios do

* Ed. bras. cit., v. II, p. 222. (N. T.)

S19, para contrastar uma idéia de **sociedade** como cooperação mútua e a experiência de **sociedade** (o **sistema social**) como competição individual. Essas definições alternativas de sociedade não poderiam ter ocorrido se o sentido mais geral e abstrato não se tivesse firmado por volta dessa época. Foi a partir dessa ênfase de **social**, em um sentido mais positivo que neutro, e como contraste a INDIVIDUAL (v.), que o termo político SOCIALISTA (v.) se desenvolveria. Um adjetivo alternativo, *societal*, foi utilizado na etnologia desde inícios do S20 e hoje faz uma referência mais ampla e mais neutra a formações e instituições sociais gerais.

É preciso assinalar, se não comentar, o uso especializado de **sociedade**. Um sentido anterior de **boa sociedade**, com o significado de boa companhia, especializou-se, segundo as normas das pessoas que a integravam, como **Sociedade**, como a parcela mais distinta e elegante da **sociedade**: a CLASSE (v.) *alta*. Byron (*Don Juan*, XIII, 95) fornece um bom exemplo desse sentido principalmente oitocentista (e residual):

A Sociedadade é hoje uma refinada horda
Formada por duas tribos poderosas, os *cacetes* e os *entediados*.

É irônico que esse termo especial seja o último uso claro de **sociedade** como companheirismo ativo dos membros de uma classe (a de cada um). Em outra parte, tais sentimentos se deslocavam, por boas razões históricas, para COMUNIDADE (v.) e para os sentidos ainda ativos de **social**.

Ver CLASSE, COMUNIDADE, INDIVÍDUO/INDIVIDUAL, SOCIALISTA, SOCIOLOGIA.